



Os Garranos das Feiras Novas



Amândio Sousa Dantas

Ao José Pereira Fernandes

Hoje em dia já não descem do monte ao romper da aurora. Os garranos das Feiras Novas... Hoje “fazem-se” transportar em camioneta própria (adaptada ao seu jeito). Os anos passam correndo, correndo à nossa frente... Lembro-me de os ver chegar – em vésperas da Romaria –, seus cascos nervosos a bater no empedrado... lembravam as ondas do mar; como um mar de alegria. Ai, a nossa inquietação. Os garranos, os garra) eterno retorno – ao lugar do coração.

A memória é a casa maior da nossa vida. Pode o tempo “ir fazendo e refazendo a nossa própria existência”, mudando o nosso olhar face às coisas... mas o tempo da infância ali o temos a nosso lado, a levantar, mais uma vez o seu castelo – onde os sonhos nunca morrem...

E com uma espada ao alto ali íamos nós na garupa de um garrano, a caminho da Alameda de São João – assim, cada um de nós podia conquistar o mundo e sem uma gota de sangue derramado; nunca o sonho foi maior! Acredite, leitor, tudo isto é tão real como as nossas vidas.

Cavalo português genuíno... cavalo do monte e da alegria sem fim. Reza a história – por assim dizer –: que o nosso primeiro rei gostava de montar o cavalo garrano... e os nossos navegadores o levaram nas caravelas; também foi aliada companhia e amparo do soldado português na primeira Grande Guerra.

Ele, irmão do cavalo galego do monte. Agora – por assim dizer – não há Feiras Novas sem Garranos... porque deles é a paisagem secular da nossa maior Romaria. Nosso imaginário intemporal... Há sempre uma eterna criança pelo olhar que levamos...

Agora, lembrar que o perigo da extinção da espécie é uma realidade – é nossa obrigação alertar consciências –, e mesmo reconhecendo que alguma coisa começa a ser feita em sua defesa. Hoje existem cerca de 2000 –: espécie “de cor castanha, silhueta recta ou côncava e perto do 1,35 metros e de natureza muito vigorosa e que anda pelo nosso planeta há cerca de 25 mil anos...” Hoje a maioria da espécie concentra-se no Parque Peneda Gerês e Serra da Cabreira. Sabemos que o Instituto Politécnico de Viana do Castelo está a estruturar a sua candidatura a património nacional. O que não deixa de ser – mesmo um bocadinho tardia – uma boa notícia.

Já perdemos tantas coisas... Ainda acreditamos que a identidade do nosso “cavalo alado” vai continuar – luminoso de liberdade – a povoar os nossos sonhos e os nossos montes... Convém aqui lembrar, por estes tempos de “forçada uniformidade”, que as características deste magnífico “equídeo português” são únicas na Europa.